

## **“ESTÁ NO SANGUE”: REPETIÇÃO E HISTÓRIA FAMILIAR A PARTIR DE UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA.**

**Aluno: Fernanda Furieri Paes**  
**Orientadora: Ana Maria Rudge**

### **Introdução:**

Em Além do princípio do prazer Freud fala de uma compulsão “demoníaca” que seria responsável por conduzir o sujeito a repetir os caminhos que o levam para o sofrimento e para a dor, a saber, a compulsão a repetição. Uma das faces desse fenômeno pode ser observada na compulsão de destino: o sujeito sabe de antemão o que irá lhe ocorrer, e tal como coloca Freud “a pessoa parece vivenciar *passivamente* uma experiência sobre a qual não tem nenhuma influência, só lhe restando experimentar a repetição da mesma fatalidade”[1].

Consideraremos essas construções conceituais para analisar o fenômeno da repetição a partir da transmissão entre gerações.

### **Objetivos:**

Este trabalho pretende lançar algumas questões sobre a repetição como um fenômeno que atravessa gerações da mesma família, como uma “compulsão de destino”. Estudaremos aqui o caso clínico de um jovem em que há o temor da repetição do comportamento violento e da drogadição, tanto por parte do adolescente quanto de sua mãe.

Entendemos que a repetição é um fenômeno que encontra base na palavra materna, já que esta constitui o sujeito a partir dos primeiros cuidados. Nesse sentido, qual a possibilidade de um destino diferente, já que a palavra materna profetiza um futuro destruidor? Ou seja, nos questionamos como é possível a partir da teoria psicanalítica conduzir o sujeito em uma análise que desconstrua essa “maldição materna” e ofereça novas possibilidades de construção de sua história.

### **Metodologia:**

A psicanálise é um campo muito particular, pois seu saber só pode ser construído a partir da clínica, da escuta. A partir daí, articulando com a teoria podemos construir hipóteses, mas nunca um saber absoluto sobre o sujeito. Esse fato nos traz limitações, mas também nos coloca em constante movimento de construção teórica.

Nesse sentido, articularemos aqui a teoria psicanalítica com o fragmento de um caso clínico que ainda está sendo realizado no Serviço de Psicologia Aplicada da PUC-Rio. A partir das anotações feitas pela psicóloga das sessões do adolescente Marcos (nome fictício) e de entrevistas com sua mãe e parentes, articulando com a teoria psicanalítica, tentaremos construir elaborar uma hipótese sobre a repetição no contexto da história familiar.

Nesse sentido, foram analisados até agora 5 sessões individuais com Marcos, 2 entrevistas com a mãe e 1 entrevista com a avó. Como o trabalho ainda está em andamento, pretendemos ainda entrevistar o pai do adolescente.

Devemos esclarecer que os clientes do Serviço de Psicologia Aplicada da PUC-Rio antes de iniciarem o tratamento são informados sobre a condição de clínica-escola que tem o serviço e assinam uma autorização que possibilita que o material trabalhado durante as sessões sejam utilizados para pesquisa, guardando, evidentemente, o sigilo sobre a identificação do sujeito. Nesse sentido, a pesquisa se enquadra na decisão do Conselho Federal de Psicologia 016/2000 de 20 de dezembro de 2000 artigo 4º : “Os psicólogos

pesquisadores, em respeito à autonomia, liberdade e privacidade dos indivíduos, deverão garantir, em suas pesquisas: Que a participação é voluntária; Que os participantes estão informados sobre os objetivos da pesquisa e o uso que será feito das informações coletadas”[2].

### **Conclusões:**

O estudo que apresentamos ainda está sendo realizado, mas a partir do que foi construído até aqui pudemos confirmar algumas hipóteses que nos colocam no caminho de conclusões possíveis.

A repetição da história familiar, que no caso de Marcos promete um futuro onde só há espaço para o pior é sem dúvidas viabilizado pela fala materna. Mas, não se restringe a ela, já que pai repetiu o sintoma de seu próprio pai, avô de Marcos, levando o rapaz a elaborar uma explicação genética: está no sangue.

As explicações genéticas e biológicas fogem ao campo da psicanálise, mas podemos encontrar um sentido para o temor da transmissão “pelo sangue” de Marcos. Esse sentido é pautado pelo conceito de identificação, tal como coloca Rudge: “O papel das identificações na constituição do sujeito humano, em especial a mais arcaica e básica delas que dá origem ao supereu, é condição de possibilidade fundamental para a operação de uma repetição nos caminhos da dor como a que podemos encontrar no homem”[3]

Nesse sentido, as identificações com as duas principais imagos parentais jogam esse jovem em um “beco sem saída”: O fantasma da violência paterna se mescla a mitos familiares contados pela mãe que prevêem uma “maldição” para os homens de sua família. Desconstruir essa identificação e permitir a construção de uma demanda para além do desejo materno [4] tem sido um desafio nessa relação analítica.

### **Referências:**

- [1] FREUD, S (1920). *Além do princípio do prazer*. Trad. Sob a direção de Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Escritos sobre a psicologia do inconsciente, volume II).
- [2] Disponível em: <http://www.ufrgs.br/bioetica/res16cfp.htm>
- [3] RUDGE, Ana Maria. Pulsão de morte como efeito de supereu. *Ágora*. Rio de Janeiro, v. IX, n. 1, 79-89, 2006
- [4] ALBERTI, Sônia. *Esse sujeito adolescente*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009.